

“BEM ESCRITO, TENSO, *SILO* SERÁ
CONSIDERADO UM CLÁSSICO POR MUITOS ANOS.”

WIRED

MENTIRAS PODEM SER FATAIS;
A VERDADE TAMBÉM.

SILO

H U G H

H O W E Y



SILO

SILO

H U G H

H O W E Y

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2013 by Hugh Howey
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Wool

PREPARAÇÃO
Flora Pinheiro

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Shirley Lima

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H845s Howey, Hugh
Silo / Hugh Howey ; tradução Edmundo Barreiros. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
512 p. ; 23 cm.

Tradução de: Wool
ISBN 978-85-8057-473-9

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo, 1966-. II. Título.

13-07963

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para aqueles que ousam ter esperança

PARTE 1 – HOLSTON

As crianças brincavam enquanto Holston subia os degraus a caminho da morte. Ele as ouvia gritar como só crianças felizes conseguem. Elas faziam seu alvoroço frenético lá em cima, e Holston prosseguia devagar, com passos metódicos e firmes, dando voltas e voltas ao avançar pela escada em caracol. Suas botas velhas ressoavam no piso metálico.

Os degraus, como as botas que tinham sido do pai dele, mostravam sinais de uso. Poucos pedacinhos de tinta desbotada ainda permaneciam, principalmente nos cantos e embaixo dos degraus, onde ficavam mais protegidos. O tráfego em algum outro ponto das escadarias levantava pequenas nuvens de poeira. Holston sentia as vibrações no corrimão, tão gasto que tudo o que restara era o metal reluzente. Isso sempre o deixava impressionado: como séculos de mãos nuas e de pés se arrastando desgastavam o aço sólido. Uma molécula de cada vez, imaginava. Cada vida desgastava uma camada, e o silo desgastava a vida.

Os degraus ficaram levemente envergados após os anos de uso, a borda arredondada para baixo como um lábio caído. No meio de cada degrau quase não havia mais os pequenos losangos que ajudavam a lhes dar aderência. Sua ausência só podia ser deduzida observando-se o padrão nas laterais, pequenas elevações em forma de pirâmide que se projetavam do aço liso com as bordas nítidas e os restos de tinta.

Holston ergueu uma das botas velhas, pisou firme em um degrau velho e começou de novo. Ele estava perdido em pensamentos sobre os efeitos dos incontáveis anos, o desgaste de moléculas e vidas, camadas e camadas consumidas poeira. E pensou, não pela primeira vez, que nem a vida nem a escada tinham sido feitas para aquela existência. Aquela

longa espiral, confinada e apertada, enroscando-se pelo silo enterrado como um canudo em um copo, não tinha sido construída para tal abuso. Como grande parte de seu lar cilíndrico, a escada parecia ter sido feita para outras finalidades, funções há muito esquecidas. O que agora era usado como passagem para milhares de pessoas que subiam e desciam em ciclos diários e repetitivos parecia, na opinião de Holston, mais apropriado apenas a emergências e, talvez, para apenas algumas dezenas de indivíduos.

Outro andar se passou — uma divisão de dormitórios em gomos. Enquanto Holston avançava pelos últimos níveis, naquela que seria a última vez que os subiria, os sons de alegria infantil o atingiam como uma tempestade. Era o riso da juventude, de almas que ainda não tinham compreendido onde viviam, não sentiam a pressão da terra por todos os lados, não se consideravam enterradas, e sim *vivas*. Vivas e inteiras, seus sons alegres pingando escada abaixo, emoções incongruentes com as ações de Holston, sua decisão e determinação de ir *lá para fora*.

À medida que se aproximava do nível superior, uma voz jovem sobressaiu às outras, e Holston se lembrou de sua infância no silo, dos estudos e das brincadeiras. Na época, o cilindro abafado de concreto, com seus inúmeros pavimentos de apartamentos e oficinas e hortas hidropônicas e salas de purificação, com seus emaranhados de tubos, um universo vasto, parecia uma amplitude que nunca seria explorada por completo, um labirinto no qual ele e seus amigos podiam se perder para sempre.

Mas aqueles dias datavam de mais de trinta anos atrás. A infância de Holston agora parecia algo que acontecera duas ou três existências atrás, algo que outra pessoa havia aproveitado. Não ele. Ele tinha toda uma vida como xerife, um fardo pesado, que bloqueava aquele passado. E, mais recentemente, havia o terceiro estágio de sua vida, uma vida secreta além da infância e do tempo como xerife. Eram as últimas camadas de si mesmo, consumidas até virarem poeira; três anos passados em silêncio à espera de algo que nunca chegaria, cada dia mais longo do que qualquer mês das épocas mais felizes de sua vida.

No alto da escada em espiral, o corrimão acabou, e a mão de Holston ficou suspensa no ar. A barra recurvada de aço desgastado terminava quando a escada chegava aos maiores cômodos de todo o complexo do silo: o refeitório e o salão anexo. Ele alcançara o pavimento dos gritos de

diversão. Formas brilhantes e velozes corriam entre as cadeiras espalhadas em uma brincadeira de pique. Alguns adultos tentavam conter o caos. Holston viu Donna recolher giz e lápis de cera espalhados pelos azulejos manchados. Clarke, marido dela, estava sentado a uma mesa com copos de suco e potes de biscoitos de amido de milho. Ele acenou para Holston do outro lado do salão.

Nem ocorreu a Holston acenar de volta; não tinha energia nem vontade. Olhou para além dos adultos e das crianças que brincavam, em direção à vista enevoada projetada na parede do refeitório. Era a maior vista ininterrupta de seu mundo inóspito. Uma cena matinal. A luz suave do amanhecer cobria colinas sem vida, que pouco tinham mudado desde que Holston era menino. Estavam ali desde sempre, enquanto ele deixava de brincar de pique entre as mesas e se tornava aquele ser vazio. E, depois das cristas imponentes daqueles morros, a silhueta familiar de uma cidade decrépita captava os raios da manhã em lampejos esmaecidos. Vidro e aço antigos se erguiam a distância, onde as pessoas, desconfiava-se, costumavam morar na superfície.

Uma criança, saída do grupo como um cometa, chocou-se nos joelhos de Holston. Ele olhou para baixo e se moveu para segurar o menino, o filho de Susan, mas, tal como um cometa, o garoto já tinha partido e voltado para a órbita dos outros.

Holston de repente pensou na loteria que ele e Allison ganharam no ano em que ela morreu. Ele ainda guardava o bilhete, e carregava-o para onde fosse. Uma daquelas crianças — o menino ou menina teria uns dois anos agora, e estaria correndo atrás das crianças mais velhas — poderia ser deles. Eles tinham sonhado, como todos os pais, com a sorte em dobro de ter gêmeos. Tinham tentado, é claro. Depois que o implante dela foi removido, passaram noites gloriosas tentando resgatar o bilhete, com os outros pais lhes desejando sorte e outros competidores rezando em silêncio para que mais um ano vazio se passasse.

Sabendo que só tinham um ano, ele e Allison abriram sua vida para a superstição, em busca de qualquer coisa que pudesse ajudar. Simpatias como pendurar alho em cima da cama, o que se dizia aumentar a fertilidade, duas moedas embaixo do colchão para gêmeos, uma fita cor-de-rosa no cabelo de Allison, manchas de tinta azul sob os olhos de Holston. Todas ideias ridículas, desesperadas e divertidas. A única coisa mais louca teria sido *não* tentar de tudo, deixar alguma das crendices ou lendas de lado.

Mas não era para ser. Antes mesmo que seu ano terminasse, a loteria passou para outro casal. Não por falta de tentativa, mas por falta de tempo. Uma repentina falta de *esposa*.

Holston deu as costas para a brincadeira e para a vista nublada do exterior e caminhou em direção a seu gabinete, que ficava entre o refeitório e a câmara pressurizada do silo. Enquanto andava, seus pensamentos foram para a luta ocorrida ali, uma luta de fantasmas pela qual ele tinha que passar diariamente havia três anos. Ele sabia que, caso se virasse e observasse com atenção aquela vista na parede, se conseguisse ver além da névoa cada vez mais densa devido às lentes embaçadas das câmeras e à poeira trazida pelo ar, se seguisse aquela fenda escura morro acima, a ruga que abria caminho pela duna enlameada na direção da cidade distante, ele conseguiria identificar sua forma silenciosa. Lá, naquele morro, podia ver sua mulher. Jazia como uma rocha adormecida, com os braços encolhidos sob a cabeça, sendo consumida pelo ar e pelas toxinas.

Talvez.

Era difícil ver, difícil identificar com clareza, mesmo antes de a névoa ter retornado. Além disso, aquela imagem era pouco confiável. Na verdade, havia muito do que duvidar. Então Holston simplesmente decidiu não olhar. Passou pelo lugar da luta fantasmagórica de sua mulher, onde as más recordações permaneciam para sempre, como a cena da loucura repentina dela, e então entrou no gabinete.

— Veja só quem acordou cedo — cumprimentou Marnes com um sorriso.

O delegado fechou uma gaveta do arquivo de metal, que soltou um grito inexpressivo, cantando nas juntas antigas, depois pegou uma caneca fumegante. Só então percebeu a seriedade no rosto de Holston.

— O senhor está bem, chefe?

Holston assentiu e apontou para as chaves no painel atrás da mesa.

— A cela de custódia — disse ele.

O sorriso do delegado sumiu e foi substituído por uma expressão confusa. Ele pousou a caneca na mesa e foi pegar a chave. Enquanto estava de costas, Holston esfregou o aço frio e afiado pela última vez, então pôs a estrela em cima da mesa. Marnes se virou e entregou a chave. Holston a pegou.

— Quer que eu pegue o esfregão?

O delegado Marnes apontou para o refeitório com o polegar. A menos que houvesse alguém algemado, eles só entravam na cela para limpá-la.

— Não — respondeu Holston, então acenou com a cabeça na direção da cela, convidando o delegado a segui-lo.

Ele se virou, a cadeira atrás da mesa rangendo quando Marnes se levantou para acompanhá-lo, e Holston chegou a seu destino. A chave entrou com facilidade. Houve um estalido alto vindo dos mecanismos bem-construídos e bem-preservados no interior da porta. Um ranger mínimo das dobradiças, um passo determinado, um empurrão e uma batida, o tormento estava terminado.

— Chefe?

Holston segurava as chaves entre as barras. Marnes olhou para elas, desconfiado, mas estendeu a mão para aceitá-las.

— O que está acontecendo, chefe?

— Chame a prefeita — instruiu Holston e depois soltou um suspiro, a respiração pesada que segurava havia anos. — Diga a ela que quero ir lá para fora.

A vista da cela de custódia não era tão embaçada quanto a do refeitório, e Holston passou seu último dia no silo intrigado com isso. Será que a câmara daquele lado ficava mais protegida do vento tóxico? Será que os encarregados da limpeza, condenados à morte, se empenhavam mais em preservar a vista que tiveram em seu último dia? Ou o esforço extra era um presente para o *próximo* limpador, que passaria seu último dia naquela mesma cela?

Holston preferiu esta última explicação, que o fez pensar com saudade na mulher lembrando-se da razão pela qual ele estava ali, do lado errado daquelas barras, e por vontade própria.

Enquanto seus pensamentos se voltavam para Allison, ele se sentou para observar o mundo morto que os povos antigos tinham deixado para trás. Não era a melhor vista do bunker, mas também não era a pior. A distância, colinas baixas e suaves adquiriam um belo tom de marrom, como café misturado com a quantidade certa de leite de porca. O céu acima das colinas era do mesmo cinza de sua infância e da infância de seu pai e da de seu avô. A única coisa que se movia na paisagem eram as nuvens. Elas pairavam, cheias e escuras, acima das colinas. Corriam livres como os rebanhos de animais dos livros ilustrados.

A vista do mundo morto ocupava a parede de sua cela e todas as paredes do nível superior do silo, cada uma exibindo um pedaço diferente da terra arrasada e cada vez mais embaçada lá fora. O trecho visível a Holston começava no canto ao lado da cama, subia até o teto, ia até a outra parede e descia até o vaso sanitário. E, apesar da nebulosidade suave, como se houvessem passado óleo em uma lente, tinha-se a impressão de que era possível seguir adiante e entrar naquela cena, como se fosse um

buraco vazio e convidativo estranhamente posicionado do outro lado das barras proibitivas de uma cela.

A ilusão, entretanto, convencia apenas quando era vista de longe. Chegando mais perto, Holston podia ver alguns pixels mortos no enorme monitor. O branco puro deles contrastava com todos os tons de cinza e marrom. Brilhando com intensidade feroz, cada pixel (Allison os chamava de pixels “travados”) era como uma janela quadrada para um lugar mais iluminado, um buraco da largura de um fio de cabelo humano que parecia convidar para uma realidade melhor. Havia dezenas deles, agora que ele observava mais de perto. Holston se perguntou se alguém no silo saberia como consertá-los e se tinham as ferramentas necessárias para realizar um trabalho tão delicado. Será que estavam mortos para sempre, como Allison? Será que todos os pixels acabariam morrendo? Holston imaginou o dia em que metade dos pixels ficaria completamente branca, e depois, gerações mais tarde, quando restariam apenas alguns poucos cinzentos e marrons, e depois apenas uma dezena, e o mundo entraria em um novo estado, em que as pessoas no silo achariam que o exterior estava pegando fogo, pois os únicos pixels *verdadeiros* passariam a ser vistos como os que não funcionavam.

Ou seria isso o que Holston e seu povo estavam fazendo naquele exato momento?

Alguém pigarreou às suas costas. Holston se virou e viu a prefeita Jahns parada do outro lado das barras, os braços cruzados à frente do macacão. Ela balançou a cabeça de modo solene na direção do beliche.

— Quando a cela está vazia, à noite, e você e o delegado Marnes não estão trabalhando, às vezes eu me sento aqui para admirar essa mesma vista.

Holston se virou para examinar a paisagem enlameada e sem vida. Ela parecia deprimente apenas quando comparada às imagens dos livros infantis, os únicos livros que haviam sobrevivido ao levante. A maioria das pessoas duvidava das cores usadas nos livros, assim como não acreditava que elefantes roxos e pássaros cor-de-rosa houvessem existido um dia, mas Holston acreditava que eram mais verdadeiras que a cena à sua frente. Ele, como alguns outros, sentia algo primitivo e profundo quando olhava para aquelas páginas gastas, coloridas de verde e azul. Mesmo assim, quando comparada com o silo sufocante, aquela vista cinzenta e enlameada parecia uma espécie de salvação, o tipo de ar livre que os homens tinham nascido para respirar.

— Aqui sempre parece um pouco mais nítida — disse Jahns. — Quer dizer, a vista.

Holston permaneceu em silêncio. Ficou olhando um pedaço de nuvem ondulada se soltar e seguir em nova direção, os negros e cinzas girando e se misturando.

— Você pode escolher o jantar — continuou a prefeita. — É a tradição...

— Não precisa me dizer como isso funciona — interrompeu Holston. — Faz apenas três anos que servi a última refeição de Allison, bem aqui.

Ele moveu a mão por hábito para girar a aliança em seu dedo, esquecendo que horas antes a havia deixado na cômoda.

— Não acredito que faz tanto tempo — murmurou Jahns para si mesma.

Holston se virou para vê-la de olhos semicerrados, observando as nuvens exibidas na parede.

— Sente saudade dela? — perguntou Holston, com veneno na voz. — Ou só odeia o fato de a imagem ter tido tanto tempo para piorar?

Os olhos de Jahns se focaram nele por um momento, então se desviaram para o chão.

— Você sabe que não quero isso, não por causa de uma vista. Mas regras são regras...

— Não é sua culpa — disse Holston, tentando se acalmar. — Conheço as regras melhor do que a maioria. — A mão dele se moveu só um pouco na direção do local onde antes ficava o distintivo, deixado para trás junto com a aliança. — Ora, apliquei essas regras durante a maior parte da minha vida, mesmo depois que percebi que eram uma bobagem.

Jahns pigarreou.

— Bem, não vou perguntar por que você escolheu isso. Vou apenas supor que é porque seria mais infeliz aqui.

Holston a encarou, viu seus olhos vagos antes de ela começar a piscar para se concentrar. Jahns parecia mais magra que o normal, uma figura cômica no macacão grande demais. As linhas em seu pescoço e em torno dos olhos estavam mais profundas do que ele se lembrava. Mais escuras. Ele achou que a rouquidão em sua voz era de tristeza verdadeira, e não apenas um reflexo da idade ou das rações de tabaco.

De repente, Holston se viu pelos olhos de Jahns, um homem alquebrado, sentado em um banco velho, a pele cinzenta devido à luz pálida

que vinha do mundo lá fora, e a imagem o deixou tonto. Sua cabeça girou enquanto buscava algo a que se agarrar, algo que fizesse sentido. A situação desagradável em que se transformara sua vida mais parecia um sonho. Nenhum dos três anos anteriores parecia verdade. Nada mais parecia verdade.

Ele se virou para as colinas acobreadas. Pelo canto do olho, teve a impressão de ver outro pixel morrer e ficar completamente branco. Outra pequena janela se abriu, outra visão clara de uma ilusão que ele começara a questionar.

Amanhã será minha salvação, pensou Holston de modo desvairado, *mesmo que eu morra lá fora.*

— Eu já fui prefeita por tempo demais — disse Jahns.

Holston olhou de volta para ela e viu que suas mãos enrugadas estavam agarradas às barras de aço frias.

— Nossos registros não vão até o princípio, você sabe. Não há nada anterior ao levante, há um século e meio, mas, depois disso, nenhum prefeito mandou mais gente para a limpeza do que eu.

— Sinto muito por sobrecarregá-la — disse Holston secamente.

— Não sinto nenhum prazer nisso, é só o que quero dizer. Nenhum prazer.

Holston passou a mão pela tela enorme.

— Mas você vai ser a primeira pessoa a ver um pôr do sol limpo amanhã à noite, não vai? — Ele odiou o modo como falava. Holston não estava com raiva por causa de sua morte, sua vida, nem pelo que quer que fosse acontecer depois do dia seguinte, mas ainda havia ressentimento pelo destino de Allison. Ele continuava a ver os eventos inevitáveis do passado como contornáveis, muito tempo depois de terem ocorrido. — Todos vocês vão amar a vista de amanhã — continuou, mais para si mesmo do que para a prefeita.

— Isso não é nem um pouco justo — disse Jahns. — A lei é a lei. E você desobedeceu a ela. Sabia que estava desobedecendo.

Holston olhou para os próprios pés. Os dois permitiram que se fizesse silêncio. A prefeita Jahns foi a primeira a falar.

— Você ainda não ameaçou *não fazer nada*. Algumas pessoas estão preocupadas com a possibilidade de você não fazer a limpeza porque não está dizendo que não vai.

Holston riu.

— Iam se sentir melhor se eu dissesse que *não ia* limpar os sensores? Ele sacudiu a cabeça diante daquela lógica louca.

— Todo mundo que senta aí diz que não vai limpar — contou Jahns.
— Mas limpa. É isso que nos acostumamos a esperar...

— Allison nunca ameaçou não fazer a limpeza — lembrou Holston, mas sabia o que Jahns queria dizer.

Ele mesmo tivera certeza de que Allison não ia limpar as lentes. E agora ele achava que entendia o que ela sentira enquanto estava sentada naquele mesmo banco. Havia coisas maiores a considerar do que o ato de limpar. A maioria dos que eram mandados para fora tinha sido flagrada em alguma coisa, ficava surpresa de se ver naquela cela, com seu fim a poucas horas de distância. Pensavam em vingança quando diziam que não iam limpar. Mas Allison e, agora, Holston tinham preocupações maiores. Se eles iam fazer a limpeza ou não era algo irrelevante. Eles tinham chegado até ali porque, em algum nível insano, queriam *estar* ali. Tudo o que restava era a curiosidade. O mistério do mundo exterior além do véu projetado nas telas das paredes.

— Então, você está planejando limpar ou não? — perguntou Jahns diretamente, com evidente desespero.

— Você mesma disse. — Holston deu de ombros. — Todo mundo limpa. Deve haver alguma razão, certo?

Ele fingia não ligar, não estar interessado nas razões da limpeza, mas tinha passado a maior parte de sua vida, especialmente os últimos três anos, agoniado querendo saber o *porquê*. A pergunta o deixava louco. E se sua recusa a responder a Jahns provocasse sofrimento naqueles que haviam assassinado sua mulher, ele não iria se importar.

Jahns esfregava as barras para cima e para baixo, ansiosa.

— Posso dizer a eles que você vai fazer? — perguntou ela.

— Ou diga que não vou. Não me importa. Parece que qualquer resposta vai significar a mesma coisa para eles.

Jahns não respondeu. Holston ergueu os olhos para ela, e a perfeita assentiu.

— Se mudar de ideia sobre a refeição, avise ao delegado Marnes. Ele vai passar a noite na mesa, como é tradição...

Ela nem precisava dizer. Os olhos de Holston se encheram de lágrimas quando ele se lembrou daquela parte de seus antigos deveres. Ele tinha ficado naquela mesa doze anos atrás, quando Donna Parkins fora

enviada para a limpeza; oito anos atrás, quando foi a vez de Jack Brent, e há três anos ele tinha passado a noite agarrado às barras e deitado no chão, completamente arrasado, quando foi a vez de sua mulher.

A prefeita Jahns se virou para ir embora.

— Xerife — murmurou Holston antes que ela se afastasse e não ouvisse.

— Desculpe, o quê?

Jahns parou do outro lado das grades, suas sobrancelhas grossas e grisalhas caídas em uma expressão cansada.

— Agora é xerife Marnes — lembrou-lhe Holston. — Não é mais delegado.

Jahns tamborilou em uma das barras de aço com os nós dos dedos.

— Coma alguma coisa — disse ela. — E não vou insultá-lo sugerindo que durma um pouco.

O que você faria
se o mundo lá fora fosse fatal, se o ar
que respira pudesse matá-lo?

E se vivesse confinado em um lugar
em que cada nascimento precisa ser precedido
por uma morte, e uma escolha errada pode
significar o fim de toda a humanidade?

ESSA É A HISTÓRIA DE JULIETTE.

ESSE É O MUNDO DO

SILO

ISBN 978-85-8057-473-9



9 788580 574739

www.intrinseca.com.br